

O DESENHO EM ISOLAMENTO COMO CONTEMPLAÇÃO DA ALMA

Grazielle Bruscato Portella

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. Bolseira de doutoramento FCT: SFRH / BD / 04418 / 2020

Resumo

Motivado pelo confinamento forçado como prevenção ao Covid-19, este ensaio discorre sobre a arte – e particularmente o desenho – em isolamento, como oportunidade para o desenvolvimento de trabalho interior ao serviço da alma. Com base em Platão, Molina, Cheng e Plotino, essa atitude é o primeiro passo para o desenvolvimento de uma sociedade mais humana e sustentável durante e após a pandemia. Nos seus refúgios, artistas como Louise Bourgeois, Frida Kahlo, Giorgio Morandi, Emma Kunz and Álvaro Cunhal demonstram-nos que é possível sublimar e aceder à essência interior através do desenho, como recurso ou contributo de um estado contemplativo que permite compreender a beleza que há dentro e fora de nós.

Palavras-chave: Contemplação; Alma; Desenho Interior; Isolamento; Sustentabilidade; Covid-19.

Abstract

Motivated by the forced confinement in prevention of Covid-19, this essay discusses drawing in isolation, as an opportunity for the development of inner work. Based on Plato, Cheng, Orr, Molina and Plotin, this state is the first step towards the development of a more humane and sustainable society during and after the pandemic. In their inner refuges, Louise Bourgeois, Frida Kahlo, Giorgio Morandi, Emma Kunz and Álvaro Cunhal show us that it is possible to sublimate through drawing, as a resource for a more contemplative state and comprehension of what beauty is, inside and outside us.

Keywords: Contemplation; Soul; Interior Drawing; Isolation; Sustainability; Covid-19.

Desde março de 2020, passamos a viver uma situação de isolamento em maior ou menor nível como combate a um vírus, confrontando-nos com a nossa própria vulnerabilidade e sensação de liberdade. Ninguém está isento a uma pandemia, não importa qual seja a sua posição na vida, a sua popularidade, o seu poder. Momentos como este desafiam-nos a repensar valores como cooperação e colaboração, assim como da

urgência por adotar hábitos mais sustentáveis de consumo, do uso das tecnologias, e da maneira como vivemos em comunidade e com o meio ambiente.

Em defesa por um modo de vida mais ético ambiental, individual e colectivamente, o economista E. F. Schumacher argumenta que a nossa maior dificuldade numa transição para a sustentabilidade é que os problemas humanos não são solucionáveis apenas por meios racionais, mas por forças superiores de sabedoria, amor, compaixão, compreensão e empatia. Reconhecer o desafio da sustentabilidade como uma série de problemas que vão além da lógica e do método leva-nos ao mais difícil desafio de todos: o do trabalho individual (Schumacher, citado por Orr, 2003).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), as medidas de isolamento e distanciamento social em combate ao coronavírus vem contribuindo para o aumento de sintomas de *stress* e ansiedade a nível global. Neste sentido, disciplinas como as artes, ou a meditação, têm sido recomendadas pela OMS como práticas que amenizam estes sintomas, enquanto estimulam a desaceleração, intuição e criatividade.

Em tempos contemporâneos, Juan Molina sugere que a situação actual do desenhador dá-se através da ação de desenhar do que ao próprio desenho. Este carácter perentório, imediato, trágico inclusive, ilustra o *stress* a que o desenhador sente ao iniciar uma ação que conduz a um resultado sempre incerto. A necessidade de ver ‘o cenário’ e ‘o teatro de operações’ em função de movimentos, é também uma imagem clarificadora da ação do artista (Molina, 2002, p. 19). E ainda acrescenta:

Todo artista encontra-se ante um ‘teatro de operações’, mas para poder iniciar a sua ação, o desenhador tem a necessidade de desenhar-se a si mesmo previamente. Uma ‘representação’ que adquire tal força, que é em si mesma uma declaração ‘de parte’. Uma confissão realizada ante si mesmo, na solidão do seu silêncio, mas também uma ‘confissão pública’ desde a qual justificar a sua ação. (Molina, 2002, p. 20).

Assim, afirma ele, o plano do desenho obedece à ação artística, ou em termos clássicos: ao desenho interno (Molina, 2002, p. 19). A condição e o papel do artista segundo o cineasta Andrei Tarkovsky é precisamente o de ouvir e de refletir sobre o humano e o eterno que vive dentro de nós, e que ignoramos uma e outra vez, apesar de termos este destino nas nossas mãos (Tarkovsky, 2019, p. 221). Para o realizador, é

apenas a partir deste trabalho interior que o artista lograria integrar na sua obra a visão que ele tem de um mundo melhor (Tarkovsky, 2019, p. 8).

Neste contexto, este ensaio discorre sobre a arte, e particularmente o ato de desenhar, não apenas como forma de combate ao *stress* e ansiedade dos nossos tempos, mas como recurso de trabalho interior a partir de uma atitude de contemplação diante do isolamento. Este é o primeiro passo para o desenvolvimento de uma sociedade mais humana, ética e sustentável durante, mas principalmente, após a atual pandemia. Porque:

“um dos aspetos do retorno da pessoa a uma vida normal, cheia de espiritualidade, é a sua atitude diante de si mesma: ou se vive a vida de um consumidor dependente dos desenvolvimentos tecnológicos ou materiais, entregue cegamente ao suposto progresso, ou se reencontra a própria responsabilidade interior, que se dirige não apenas a si mesmo, mas também aos outros”¹²⁵ (Tarkovsky, 2019, p. 238).

“A perda de controlo leva à fragmentação. Estás inteiro? Encontra-te a ti mesmo. Permanece atento.”¹²⁶ (Bourgeois, 2002, p. 119). A frase da escultora Louise Bourgeois ilustra perfeitamente o cenário atual em que vivemos. Desde o início desta pandemia, é entre ecrãs de computadores, telemóveis e televisores que conseguimos manter as nossas relações com o mundo lá de fora. Procuramos, ao fragmentar a nossa atenção entre esses meios, essencialmente um controlo sobre a nossa vida “normal”. Para muitos, o viver e a presença constituem-se cada vez mais destes micro-momentos que acontecem sobretudo ao nível de uma telepresença. “Tele” em grego quer dizer “longe, à distância”. Tornamo-nos cada vez mais especialistas em “estar de longe”. A nossa vivência converteu-se em consumir estes fragmentos de ecrã que nos permitem ver o que está à distância, porém afastam-nos do que está aqui e agora, de nós mesmos.

Para Bourgeois, a beleza na arte define-se como um tipo de intimidade estabelecida dentro do âmbito visual (Bourgeois, 2002, p. 131). Embora conhecida como escultora, o desenho para Bourgeois, além de ser o ponto de partida para as suas

¹²⁵ “Uno de los aspectos del retorno de la persona a una vida normal, llena de espiritualidad, es su actitud frente a si mismo: o se vive la vida de un consumidor dependiente de los desarrollos tecnológicos o materiales en general, entregado ciegamente al supuesto progreso, o se reencuentra la propia responsabilidad interior, que se dirige no sólo hacia uno mismo, sino también a los demás.”

¹²⁶ “La pérdida de control lleva a la fragmentación. Estás entero? Encuéntrate a ti mismo. Permanece atento.”

esculturas, constituía um aspeto essencial para o seu trabalho interior (Figura 1). Nos seus diários gráficos, desenhados em silêncio e na intimidade que estabelecia consigo mesma ao fim de cada dia, construía imagens que a ajudavam a resolver questões interiores (Bourgeois, 2002, p. 156).

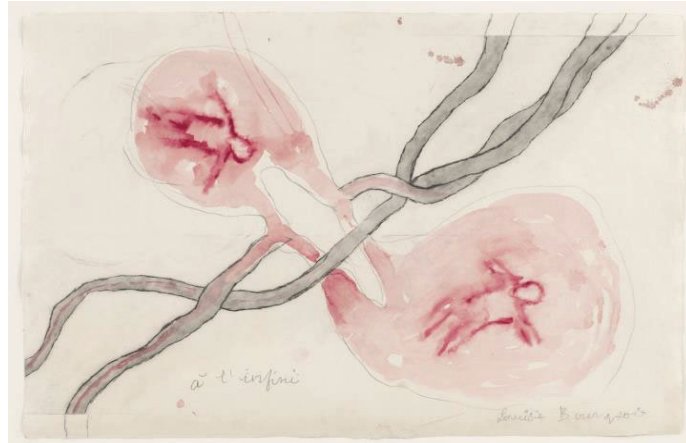


Figura 1: Louise Bourgeois (2008). Untitled, no. 1 de 14, de *À l'Infini*.

Fonte: Moma.org. Acesso em 26 de dezembro de 2020.

Vemos muito, mas *contemplamos* pouco. As tecnologias têm tido um papel crítico como ligação com que acontece no mundo exterior e na sociedade. Porém, e especialmente neste momento de isolamento, nunca tem sido tão urgente falar sobre *contemplar* o que está dentro do nosso alcance real e presente.

O artista Giorgio Morandi, artesão da paciência e do silêncio, por quarenta anos permaneceu isolado no seu quarto à procura das transformações que a luz operava no seu quotidiano, longe das agitações do mundo. Os seus desenhos, inspirados nos mais mundanos objetos como garrafas, vasos e caixas, ilustram a pureza, a concentração e o essencial a nível extremo (Figura 2). Como o próprio declarou: “alguns podem viajar através do mundo e nada dele ver. Para chegar à sua compreensão, é necessário não ver demasiado do mundo, mas olhar bem aquilo que vemos”¹²⁷ (Morandi, citado por Joos, 2019).

¹²⁷ “One can travel the world and see nothing. To achieve understanding it is necessary not to see many things, but to look hard at what you do see.”



Figura 2: Giorgio Morandi (1956). *Still Life with Five Objects*.

Fonte: Galleria d'Arte Maggiore GAM, Bologna.

O isolamento é, assim, uma oportunidade de procurar este olhar e esta reintegração interna. Segundo a escritora e psicanalista Dra. Clarissa Estés,

“embora não seja algo desejado ou divertido, provém do isolamento um ganho inesperado. Ele elimina a fraqueza com os golpes. Ele erradica as lamentações, proporciona um *insight* penetrante, aguça a intuição, assegura o poder incisivo de observação e de visão de perspectiva jamais alcançados”. (Estés, 1997, p. 215)

O isolamento é como uma dádiva. Mas nós somos os únicos responsáveis por extrair e mostrar a beleza dele. Para Plotino, as melhores ações, as ações da alma, vêm de nós mesmos; essa é a nossa natureza quando estamos isolados (Plotino, 1999, p. 23).

A ideia de alma recorre com um fio de ouro todo o imaginário ocidental, desde Sócrates e Platão, passando por Plotino e Santo Agostinho, até poetas clássicos e românticos (Cheng, 2017, p. 70). Para estes autores, a verdadeira beleza constitui a consciência e olhar em direção ao belo. A beleza do olhar vê uma luz que surge das profundidades do Ser. Mas também pode prover de uma luz procedente do exterior e que a ilumina, especialmente quando o olhar capta no instante alguma coisa bela, ou se cruza com outro olhar de amor e beleza (Cheng, 2017, p. 70).

Frida Kahlo é outra artista que teve a coragem e ousadia de criar a partir do olhar para si mesma e para o seu corpo vulnerável e enfraquecido por uma doença, precisamente. Os seus diários gráficos e as suas séries de autorretratos, realizados

enquanto exilada no seu leito a partir de um complexo mecanismo espelhado, refletem a fragilidade e a força, características opostas mas intrinsecamente humanas (Figura 3). A sensação de medo e descontrolo revela o mais profundo mistério da sua realidade. Do seu medo, surge a beleza e a sua liberdade.

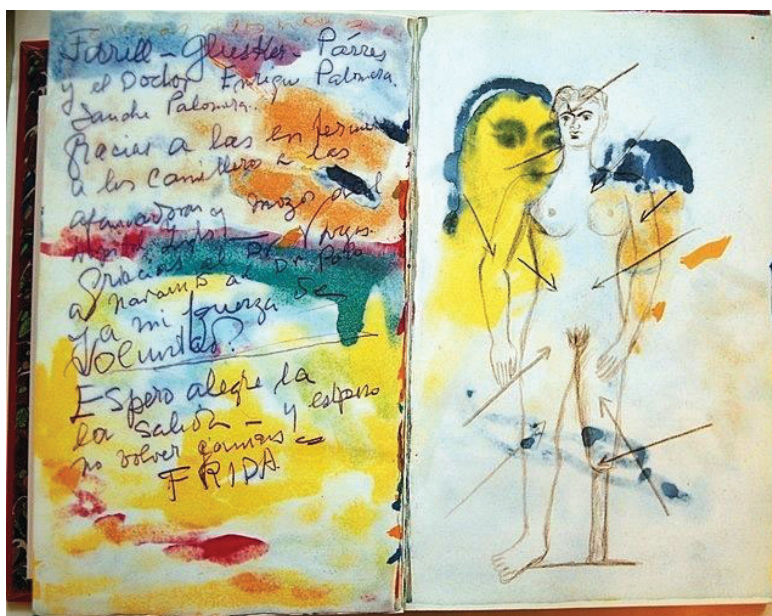


Figura 3: Frida Kahlo (S/D). *Diário gráfico*.

Fonte: Fuentes, C. (2009). *El diario de Frida Kahlo. Un íntimo autorretrato*. Cidade do México: La vaca independiente.

Segundo Platão, a alma já conhece a Beleza Absoluta. Para o filósofo, a Beleza verdadeira, a que vem da alma, é imortal, eterna. Esta alma renasceu repetidas vezes na existência e contemplou tudo o que nela existe, e é capaz de evocar à memória a lembrança de objetos e conhecimentos que viu e aprendeu anteriormente. Portanto, antes de se materializar no nosso corpo, Platão sugere-nos que a alma já viveu neste mundo e contemplou a beleza, da qual sente saudades. A nós compete unicamente esforçarmo-nos e procurarmos sempre, sem descanso e com coragem, aquilo que a alma já conhece (Platão, 2001, pp. 65-67).

Dito isso, como artistas, a aparente limitação de recursos que temos em isolamento pode abrir-nos a possibilidade de captar e contemplar aquilo que apresenta-se dentro das nossas quatro paredes. E, ao desenhar situações e objetos ordinários presentes no nosso entorno, começamos a perceber o quão extraordinários são, o milagre de uma flor que brota, da sombra projetada pela janela, ou de uma máscara que não é apenas uma máscara mas antes um mundo de transparências e subtilezas. Juan Molina descreve que, ao marcar

esta experiência presente através da imagem que temos dela, o desenho auxilia-nos a compreender o nosso ser, as relações que mantemos e o meio ambiente que nos rodeia (Molina, 2003, p. 23).

Mas o que realmente acontece quando o olhar e o desenhar se entrelaçam é que a consciência e a atenção se tornam constantes e indivisas. Convertem-se em contemplação, em meditação. Esta atitude requer uma disciplina de observação de um mundo que está totalmente vivo. É uma disciplina que não custa nada, que não requer *gadgets*. Basta um riscador (lápiz) e uma superfície de suporte (papel). O olho é a lente do coração, aberta ao mundo. E as mãos seguem a visão (Franck, 1997, p. 8).

Santo Agostinho diz que “A beleza é o resultado, aos seus olhos, do encontro da interioridade do ser e do esplendor do cosmos. Este olhar elimina, em certa medida, a separação entre o interior e o exterior.” Com esta afirmação, conclui-se assim que, se a beleza do mundo constitui uma paisagem, a alma de um ser também é uma paisagem. (Agostinho, apud Cheng, 2017, p. 145).

Desenhar de maneira contemplativa estabelece uma ilha de silêncio, um oásis de atenção total entre o nosso olhar e o que nos rodeia. Aprendemos então que o que não foi desenhado, nunca foi realmente contemplado. Como nos descreve Walt Whitman “Creio que uma folha de relva não é menos que a jornada das estrelas”¹²⁸ (Whitman, 1891, p. 53). Descobrimos, através do desenho, que não existe nada ordinário. Tudo o que vale a pena ser olhado, vale a pena ser desenhado, mesmo em tempos de isolamento.

O olhar e a contemplação da própria natureza de algo ou alguém é a percepção da experiência da natureza como ela se manifesta em mim, fora de mim. Essa visão do ato de desenhar é para o artista Frederick Franck (Figura 4) ao mesmo tempo o salto do isolamento do Eu para a comunidade de seres e coisas, no presente absoluto, a Presença Absoluta (Franck, 1997, p. 20).

¹²⁸ “I believe a leaf of grass is no less than the journey-work of the stars.”



Figura 4: Frederick Franck (1960). *Jacques Lipchitz*.

Fonte: <https://whitney.org/collection/works/175>. Acesso em 26 de dezembro de 2020.

Segundo a historiadora de arte e investigadora Jennifer Gross, desenhar é desdobrarmo-nos no tempo que ocorre enquanto se desenha, com o conhecimento de que o presente irá desdobrar-se no futuro, fundindo realidades que ainda não tinham sido intersectadas. Aquilo que era considerado uma vez o resultado da atenção artística é agora o motor para a sua reconstituição, para uma página fresca, um novo lugar para a nossa consideração. (Gross, 2015, p. 13). Platão dizia que “o tempo é uma imagem da eternidade”¹²⁹ (Platão, citado por Plotino, 1990 [205], p. 207). Poderíamos afirmar então que, através do desenho que contempla verdadeiramente o presente em atitude de entrega aos impulsos internos e ao essencial, o registo da sua imagem poderia refletir, não apenas o tempo dedicado ao modelo desenhado, mas a eternidade da alma, ligando-a ao universal do mundo, à Unidade¹³⁰ (Plotino, 1990, p. 279)

Embora nunca tenha tido formação como artista, os desenhos de Emma Kunz ilustram esta ligação ao poder universal da natureza, canalizado a partir de um pêndulo e registados em composições geométricas realizadas com grafite e lápis de cor. Kunz concebeu estas composições em resposta a questões que ela colocava ao pêndulo, desde as mais íntimas e pessoais, a acontecimentos políticos e históricos sucedidos na altura e a realidades naturais animadas e inanimadas, todas as quais Kunz intuitivamente acreditava estarem ligadas (Figura 5).

¹²⁹ “*Le temps est une image de l'éternité.*”

¹³⁰ “*On ne contemple pas un objet unique; on contemple l'Un, le Beau, le Bien.*”



Figura 5: Emma Kunz (S/D). Pêndulo e desenho *Werk-Nr. 016*.

Fonte: <https://www.emma-kunz.com/>. Acesso em 26 de dezembro de 2020.

Para artistas como Emma Kunz não existem, pois, limites entre o espaço e o tempo, ou entre o trabalho artístico e a vida. O desenho torna-se portanto um ato fundamental, um ritual de esforço, devoção e entrega à chamada daquilo de mais essencial do nosso ser e de criar empatia para processar o que apresenta-se no mundo ao nosso redor. E é neste processo em que se revelam no papel os impulsos da alma que contempla. Para Tarkovsky, este é o maior desafio do artista: o de realizar um trabalho interior e esforçar-se por expressar esses valores éticos e espirituais na sua obra (Tarkovsky, 2002, p. 46).

O artista e líder político Álvaro Cunhal mostra-nos como não podemos evitar o sofrimento, mas podemos escolher como lidamos com ele. Cunhal passou sete anos preso em rigoroso isolamento durante a ditadura em Portugal. Lá, procurou ter um motivo para sobreviver, um objetivo da vida que fizesse sentido, que fosse importante. O ato de desenhar para ele foi um destes recursos (Figura 6).



Figura 6: Álvaro Cunhal (1951-1959). Desenho.

Fonte: <https://artbid.pt/artbid/Lotes/view/1210/66930>. Acesso em 26 de dezembro de 2020.

O que é relevante agora é descobrirmos exatamente como nos adaptamos para viver de uma maneira que tenha sentido. Em tempos de pandemia, talvez não exista o ideal, mas existe o possível, o esforço, a entrega. Construir um mundo mais ético e sustentável após a pandemia implica em perceber desta experiência um exercício de contemplação, olhar para dentro e silêncio. Isso significa saber, também, distinguir o que é essencial, não cair nas armadilhas da tele-presença, do egoísmo, do julgamento, da expectativa daquilo externo a nós. Disto se trata hoje o desenhar – e o viver – em isolamento ou, fora dele. Para Frederick Frank, o desenho não é um algo, senão um ato (Frank, 1997, p. 88), e devemos nele refletir esta atitude.

A ligação da mão com o olho e com o coração revela-nos algo no desenho, mas não nos explica. O desenho vai além das palavras, além do silêncio. É uma resposta do artista sobre estar vivo. E se há algo que se deseja transmitir, que seja a qualidade dessa consciência, da devoção e da atenção ao que é olhado, e desenhado (Figura 7).



Figura 7: Grazielle Portella (2020). *Colheres, reflexos, notas*.

Fonte: Autora.

O professor e autor Kimon Nicolaïdes resume esta condição no desenho quando afirma que “tudo o que o olho observa é o resultado de impulsos internos, e para entendê-los, um deve usar algo que vai além do olhar. É necessário participar no que o modelo está a fazer, identificar-se com ele. Sem uma reacção simpatética emocional no artista, não poderá haver um real e profundo entendimento” (Nicolaïdes, 1941, p. 24).

O poeta Max Jacob ilustra a capacidade do desenho neste verso: “Bastava um menino de cinco anos, no seu manto azul-claro, desenhar um caderno, para que alguma porta se abrisse para a luz, para que o castelo se erguesse novamente e o ocre da colina fosse coberto de flores” (Jacob, apud Cheng, 2017 [1961], p. 122). O desenho, ou mesmo qualquer criação artística digna deste nome e que incuba toda a realidade presente, deveria responder, segundo o pensador François Cheng, a duas finalidades: a de expressar a parte violenta e do sofrimento da vida, mas sobretudo a de continuar a revelar aquilo que o universo ainda possui de beleza (Cheng, 2017, p. 122).

Apesar disso, ainda existem artistas cujo meio é a vida em si, que expressam o inexprimível sem lápis, pincel, cinzel ou violão. Estas pessoas não desenhavam nem dançavam. O seu meio é ser. Simplesmente olham e não precisam desenhar (Franck, 1997, pp. 120-129).

Para o professor e especialista em sustentabilidade Dr. David Orr, essa é a atitude que nos permite enfrentar honestamente a nossa própria mortalidade, um heroísmo diário necessário para preservar a vida na Terra. Em vez de terror, uma espiritualidade mais profunda leva-nos a um lugar de gratidão e celebração. Também nos energiza para agir (Orr, 2003) por uma sociedade mais sustentável e ética. E como conclui Tarkovsky, esse

amor, essa entrega, é o último milagre que se pode opor à falta de fé, ao cinismo e ao vazio do mundo atual (Tarkovsky, 2019, p. 219).

Diante do cenário de imprevisibilidade, isolamento físico e distanciamento social desta atual pandemia, cultivar esta atitude no desenho prova-se, assim, como um poderoso e decisivo recurso para a construção de uma sociedade mais fortalecida mental e espiritualmente. Através do desenho que contempla, o trabalho individual de um olhar para dentro traduz-se no coletivo, de um olhar para fora.

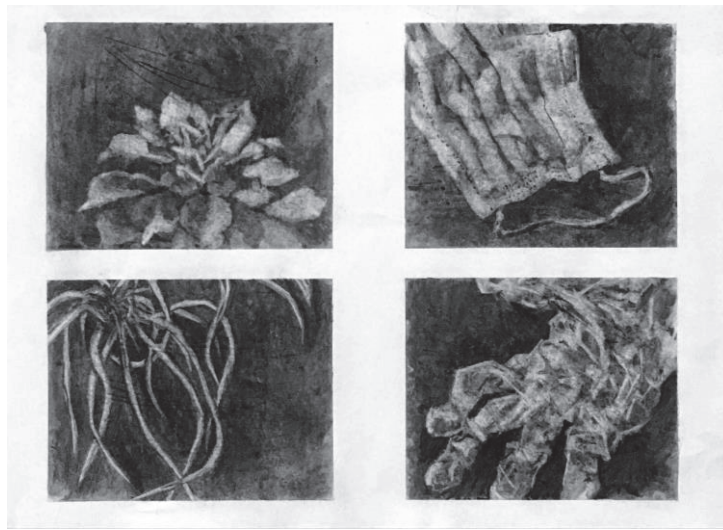


Figura 8: Grazielle Portella (2020). *Dois meses com estes quatro*.

Fonte: Autora.

Referências bibliográficas

- Bourgeois, L. (2002). *Destrucción del padre, reconstrucción del padre*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Cheng, F. (2017). *Cinc meditacions sobre la bellesa*. Avignonet de Puigventós: L'Art de la Memòria Edicions.
- Estés, C. (1997). *Mulheres que correm com os lobos* (11ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Franck, F. (1972). *Zen Seeing, Zen Drawing*. Nova Iorque: Vintage.
- Gross, J. (2015). *Drawing Redefined*. Lincoln: DeCordova Sculpture Park and Museum.
- Joos, P. (2019). *A backward glance: Giorgio Morandi and the old masters*. Bilbao: Guggenheim Bilbao. Recuperado em 14 de junho de 2020 em: <https://www.guggenheim-bilbao.eus/en/exhibitions/a-backward-glance-giorgio-morandi-and-the-old-masters>.
- Molina, J. (2003). *Las Lecciones del Dibujo* (3ª ed.). Madrid: Ediciones Cátedra.
- Nicolaïdes, K. (1941). *The Natural Way to Draw*. Nova Iorque: Houghton Mifflin Company Boston.
- Orr, D. (2003). *Four Challenges of Sustainability*. Burlington: University of Vermont. Recuperado em 11 de junho de 2020 em: <https://ratical.org/co-globalize/4CofS.html>.
- Platão. (2001). *Mênon*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Plotino (1999 [270]). *Troisième Ennéade*. Paris: Les Belles Lettres.
- Tarkovsky, A. (2019 [1999]). *Esculpir en el Tiempo: Reflexiones sobre el arte, la estética y la poética del cine* (17ª ed.). Madrid: Ediciones Rialp.
- Whitman, W. (1891). *Leaves of Grass: Song of Myself* (92ª ed.). Nova Iorque: Garland Publishing. Recuperado em 20 de junho de 2020 em: <https://whitmanarchive.org/published/LG/1891/poems/27>.
- World Health Organization (2020). *Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak*. Recuperado em 26 de abril 2020 em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf?sfvrsn=6d3578af_10.